

O E S S E N C I A L S O B R E

Ritmanálise

Rodrigo Sobral Cunha

INCM



O E S S E N C I A L S O B R E

Ritmanálise

O E S S E N C I A L S O B R E

Ritmanálise

Rodrigo Sobral Cunha

Índice

7 **Advertência**

I

9 **Introdução**

De Lúcio Pinheiro dos Santos
a Gaston Bachelard

II

27 **A Ritmanálise**

Gaston Bachelard

29 **Introdução**

33 **A Ritmanálise**

Advertência

Dos dois textos que compõem o presente escrito, como um símbolo, corresponde o primeiro propriamente a uma iniciação à ritmanálise a partir dos poucos escritos dos dois autores que de mais perto e profundamente trataram este novo modelo de conhecimento, Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, o fundador da ritmanálise e Gaston Bachelard, o hermeneuta da ritmanálise. Entretanto, na expressão «novo modelo de conhecimento», que apraz à nossa época sem deixar de ser verdadeira, pressupõe-se uma ontologia do ritmo, que decerto se oferece renovada à intuição possível. A escassez de textos acerca do tema da ritmanálise, pese embora a notável qualidade dos intervenientes, bem como a relativa novidade do conteúdo e o seu considerável interesse para o pensamento contemporâneo, levaram-nos a optar por facultar ao leitor a tradução do texto que tornou conhecida a ritmanálise. Corresponde assim a segunda parte do presente trabalho à nossa tradução do estudo de Gaston Bachelard sobre a

obra do filósofo luso-brasileiro Lúcio dos Santos, *La rythmanalyse*. Composto por uma introdução e um desenvolvimento, foi este texto originalmente publicado no prefácio e no oitavo capítulo que encerra o livro de Bachelard *La dialectique de la durée* (Paris, Boivin), em 1936, tendo por título homónimo o abobadado capítulo *La rythmanalyse*. A edição utilizada para a nossa tradução foi a das Presses Universitaires de France, de 2001 (pp. x-xi e 129-150).

Pode assim o leitor formar uma noção considerável de uma tradição de pensamento gerada na primeira metade do século XX no mundo culto da língua portuguesa e que, depois de chegar a França, se alargou à generalidade das línguas europeias, longe todavia de ter alcançado tal tradição a plenitude das suas virtualidades. Pois enquanto as epistemologias contemporâneas vão olhando, há muitas décadas já, para a ritmanálise, parecendo no entanto não lhe alcançar o centro irradiante, do que se trata é de caminhar dentro dessa noção do universo. «O ritmo é a música dentro da música», escreveu Schelling.

Devo mencionar que este trabalho teve o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia em âmbito de pós-doutoramento.

I

Introdução

De Lúcio Pinheiro dos Santos
a Gaston Bachelard

O inventor da ritmanálise é o filósofo bracarense Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (1889-1950), matemático, físico, psicólogo, professor e político, que justamente se dirá luso-brasileiro pela segunda metade da vida pensada na margem atlântica do Novo Mundo. Segundo ele, foi Leonardo Coimbra (1883-1936) «o primeiro a compreender, por volta de 1916, a significação filosófica dos primeiros trabalhos da Ritmanálise que só vinte anos mais tarde haveriam de encontrar acolhida no pensamento de Bachelard, o filósofo do ‘novo espírito científico’ e junto de alguns dos novos trabalhadores da moderna pesquisa filosófica»¹. Marcado pelas obras de Leonardo Coimbra *O Pensamento Criacionista* (1915) e *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916), o período de maior convívio entre os filósofos foi esse triénio de 1914 a 1917, no qual Lúcio e Leonardo deram

1 «Profundeza e Perenidade do Pensamento de Leonardo Coimbra» (1946), in *Leonardo Coimbra – Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950, p. 57.

aulas no Liceu Gil Vicente em Lisboa. No trílogo *Do Amor e da Morte*², Leonardo Coimbra considerará as várias posições antropológicas, cosmológicas e metafísicas dessa progressiva teorização experimental do ritmo, assinalando também a compreensão recíproca dos dois filósofos amigos, por vezes com palavras que além de parecerem selar o íntimo acordo dos pensamentos de ambos («Foi até no teu pensamento que melhor vibrou o meu ritmo»³), favorecem a ideia de que Leonardo Coimbra considerasse Lúcio dos Santos o melhor intérprete do pensamento experimental criacionista. Numa carta filosófica testamental de Julho de 1946 escrevia o ritmanalista:

Não há dúvida de que estamos na entrada de uma nova era, marcada por um novo pensamento; e o que vem feito do passado não basta mais.

Os povos da Europa, se quiserem sobreviver, devem preparar-se, com o saber de uma antiga experiência humana, mas com a força viril da renovação, como numa nova mocidade, para darem altura de pensamento a esta nova experiência total que repete, em novos níveis, a sempre eterna experiência do homem, sempre a recomençar, que é, desde os Gregos, a «construção de mundos», e, desta vez, verdadeiramente, à escala universal: todos os homens, na

2 *Do Amor e da Morte* (1920), Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, 1922.

3 *Ibid.*, p. 14.

*convivência de uma vida comum, em que se ajudem, sem se tolherem uns aos outros a liberdade, porque, dentro da nação e dentro do mundo, é da convivência humana, e de sua interpretação intelectual, e não de qualquer privilégio de casta ou de raça, que provém o verdadeiro progresso do espírito nacional, na unidade moral do mundo.*⁴

Caberia a Gaston Bachelard (1884-1962) a elaboração da única síntese formal relativa dos dois volumes dactiloscritos policopiados de *La rythmanalyse*, enviados por Lúcio Pinheiro dos Santos do Rio de Janeiro ao filósofo francês por volta de 1931, tidos hoje por perdidos. Autor e obra são assim referidos por Bachelard em *La dialectique de la durée* (1936): «Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, professor de filosofia na Universidade do Porto (Brasil), *La rythmanalyse*, publicação da ‘Sociedade de Psicologia e de Filosofia’, Rio de Janeiro, 1931». Tomando a morada do remetente pela sua nacionalidade, no entanto, o destinatário francês mencionaria Lúcio Pinheiro dos Santos como «filósofo brasileiro» e «Professor de filosofia na Universidade do Porto (Brasil)», confundindo assim brasileiros e franceses durante mais de meio século, a ponto de se dar o homem por inexistente⁵. Lúcio Pinheiro dos Santos nunca chegaria a encontrar editor para a obra, mas as obscuras

4 «Carta de Lúcio dos Santos» (1946), in *Seara Nova*, ano XXVIII, Dezembro de 1950, p. 388.

5 É o caso de Jorge Jaime na *História da Filosofia no Brasil* (1999), onde Lúcio dos Santos é tido por «um filósofo ‘brasileiro’ fantasma».

vicissitudes da história da ritmanálise prolongam-se para além da morte do fundador, cujo espólio, após reiterados insucessos de tentativas de publicação, a viúva queimaria em acto empedocliano em frente da Imprensa Nacional pelo final dos anos 50 (não se sabe se por iniciativa própria, se por ordem do filósofo). Bachelard morre em 1962 e no seu espólio parece não haver vestígios de *La rythmanalyse* (como tampouco nos de Leonardo Coimbra, José Marinho e Álvaro Ribeiro, conhecedores de diversas formulações do texto da ritmanálise⁶). Com o reconhecimento do próprio Lúcio Pinheiro dos Santos, fica por ora como texto matricial da ritmanálise o resumo feito por Bachelard em *La dialectique de la durée* (1936), sem descurar outros textos seus que regressam ao tema (por exemplo, «Rythmanalyse et tonalisation», em *La terre et les rêveries du repos*, III, 2). As iniciativas capazes de promover o conhecimento tanto do autor como da origem e contexto da ritmanálise têm sido pouco significativas⁷. Porém, o esquecimento

6 Cf. Joaquim Domingues, «Lúcio Pinheiro dos Santos: Ensaio Biográfico», in *Teoremas de Filosofia*, n.º 2, Porto, 2000.

7 Assim, no Colóquio de 1989 «Les Rythmes – Lectures et Théories» (L'Harmattan, 1992) do Centre Culturel International de Cerisy, sob a direcção de Jean-Jacques Wunenburger e nas investigações do «Groupe 'Rythmes et Philosophie' (*gryph*)» (Éditions Kimé, 1996) do Centre Gaston Bachelard de l'Université de Bourgogne, impulsionadas por Pierre Sauvanet em coordenação com Wunenburger, é assumido o desconhecimento do autor da ritmanálise tal como da génese desta, ficando pois a coisa por conta de Gaston Bachelard. Em contraste com esta situação, por ocasião do I Congresso Internacional sobre «O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000», promovido pela Universidade Católica do Porto em Outubro de 2007, apresentámos

não foi completo e três momentos em contramarche emergem nos destinos da ritmanálise: um da responsabilidade de Sant'Anna Dionísio⁸ por ocasião do falecimento de Lúcio Pinheiro dos Santos, outro da responsabilidade de Joaquim Domingues⁹ e de Pinharanda Gomes¹⁰ na celebração do cinquentenário da mesma data, devolvendo à existência o nome de Lúcio Pinheiro dos Santos¹¹; e um terceiro momento com o aparecimento da *Filosofia do Ritmo Portuguesa*, onde se considera a origem e os horizontes da ritmanálise¹². Mas o que pelos finais do século XX tornaria mundialmente famoso

uma comunicação intitulada «A Filosofia do Ritmo Portuguesa: da Monadologia Rítmica de Leonardo Coimbra a Lúcio Pinheiro dos Santos e a Ritmanálise», in *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro (1850-2000). Actas do I Congresso Internacional*, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, pp. 575-592.

- 8 «Lúcio Pinheiro dos Santos», in *Seara Nova*, ano XXVIII, Dezembro de 1950, com dois trabalhos: «Traços Biográficos de Lúcio dos Santos» e «A Ritmanálise – por Gaston Bachelard» (tradução parcial), encontrando-se ainda na mesma edição a última carta conhecida de Lúcio dos Santos (de 1946).
- 9 «Lúcio Pinheiro dos Santos: Ensaio Biográfico», in *Teoremas de Filosofia*, n.º 2, Porto, 2000.
- 10 «O mito de Lúcio, segundo Bachelard», in *O Diabo*, n.º 1225, Lisboa, 20 de Junho de 2000.
- 11 Jorge Jaime, «Sobre a época de Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos», in *Revista Brasileira de Filosofia*, n.º 226, Abril-Junho de 2007.
- 12 Rodrigo Sobral Cunha, *Filosofia do Ritmo Portuguesa*, Vila Viçosa, Serra d'Ossa Edições, 2008, cap. I, pp. 9-44. Esta obra tem reedição (acrescida) pela Zéfiro (Colecção Nova Águia), em 2010. A nossa tradução do texto de Gaston Bachelard «*La rythmanalyse*» (*La dialectique de la durée*, cap. VIII, Paris, Boivin, 1936) apareceu na *Philosophica* (revista do Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Colibri, Lisboa, n.º 31, Abril de 2008).

o nome da ritmanálise foi a contrafacção de Henry Lefebvre num curioso trabalho, ainda que menor, intitulado *Éléments de Rythmanalyse*, onde se propõe desenvolver o sentido da palavra «ritmanálise», à qual quer Lúcio Pinheiro dos Santos quer Gaston Bachelard, segundo escreve, não teriam feito mais do que alusões¹³.

A ritmanálise ficou por ora fora do *mains-tream* das «histórias da filosofia», não sabemos se para bem ou mal, mas pode acontecer que a sua obscura história a coloque em caso análogo ao de certas sementes indefinidamente resistentes à usura do tempo e que aguardam condições propícias para a eclosão. Recordam-se ainda, nesse sentido, as palavras de Cecília Meireles:

**Um poeta é sempre irmão do vento e da
água: deixa seu ritmo por onde passa.**

O alto conceito em que foi tido o criador da ritmanálise no seio discreto da filosofia portuguesa era traduzido por Álvaro Ribeiro numa carta a José Marinho em Janeiro de 1937, após o desaparecimento de Leonardo Coimbra, na asserção proposicional de que Lúcio Pinheiro dos Santos «talvez deva ocupar hoje o lugar de primeiro filósofo português».

Acerca do pensamento fundador da ritmanálise fazia Sant'Anna Dionísio o seguinte balanço:

**Da compreensão do sentido convergente
de certas intuições fundamentais do
pensamento especulativo e científico dos**

13 *Éléments de rythmanalyse*, Paris, Sylleps, 1992, p. 18.

nossos dias surgiu no seu espírito o intelectual anseio de uma concepção que simultaneamente satisfizesse o melhor da inspiração digamos heraclitiana de um Bergson e as mais altas exigências de visão matemática do real de um Luís de Broglie.

Tal era a aspiração, por assim dizer dialéctica e inefável, da sua decantada *Ritmanálise*.

Em súpula, o vector essencial do pensamento singular de Lúcio dos Santos pode dizer-se que deriva, em linha directa, da ideia-crença primordial do Pitagorismo: a ideia-crença de que o Ser é, na sua mais íntima substância, figura e número, harmonia e ritmo. Tanto na legalidade das energias físicas, como no processo vital, como no fluir do espírito, a chave da explicação de tudo quanto existe e transita não seria outra senão a *lei do ritmo*.¹⁴

Reclamando abertamente para si a familiaridade desse veio da filosofia criacionista¹⁵, onde as operações da ciência e da poesia convergem em firmamento hermenêutico de renovadas sínteses universais, a ritmanálise vai também buscar às coetâneas compreensões da energia, tanto do

14 Sant'Anna Dionísio, «Lúcio Pinheiro dos Santos», in *Seara Nova*, ano XXVIII, Dezembro de 1950.

15 Veja-se especialmente a monadologia rítmica de Leonardo Coimbra, a que demos atenção na *Filosofia do Ritmo Portuguesa*, pp. 9-23.

ponto de vista psicológico (psicanálise) como do ponto de vista físico (mecânica quântica), matrizes interpretativas para o mundo do espírito e para o mundo da natureza. A ritmanálise dinamiza em campos de síntese superior a relação com o princípio de contradição, sempre em busca de compreensões crescentes, evoluindo na conciliação dos pontos de vista e entregando-se à inventiva da polirritmia. Pela tónica na actividade da vida consciente, diferencia-se a ritmanálise da psicanálise, sobrepondo a capacidade de renovação do indivíduo à passividade dominada pelo inconsciente, completando com a síntese rítmica a análise da disritmia. Por outro lado, a dupla representação da física quântica, corpuscular e ondulatória, oferece uma interpretação dialéctica dos fenómenos da natureza que a noção de ritmo não só ajuda a integrar como até a elevar a mais amplos modos de compreensão. Lúcio dos Santos recorda que «Leonardo Coimbra substitui o conceito de substância, como haviam de fazer, mais modernamente, os filósofos da ciência, pelo de ‘actividade relacional’»¹⁶. Na versão ritmanalítica, a noção de ritmo, integrando a de actividade relacional, congloba efectivamente um novo modelo alargado de conhecimento, já que o ritmo é aí considerado como a própria energia de existência e desse modo o princípio unificador da física, da biologia e da psicologia. Segundo Gaston Bachelard, coube a «Pinheiro dos Santos o mérito

16 «Profundeza e perenidade do pensamento de Leonardo Coimbra» (1946), in *Leonardo Coimbra – Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1950, p. 58.

de ter mostrado o carácter verdadeiramente primordial da vibração na própria base da vida»¹⁷.

À ideia monotonal de um tempo uniforme, contínuo e abstracto, dado de uma vez para sempre como tal, contrapõe, ou melhor, sobrepõe a ritmanálise a ideia da pluralidade dos tempos concretos e da vibração multiforme, escancarando horizontes à inventiva da renovação cintilante, manifestando-se precisamente nas possibilidades imensas das formas rítmicas.

O hermeneuta e o promotor da ritmanálise é Gaston Bachelard, a quem se deve não só a transmissão dessa visão rítmica do universo, como alguns dos seus desenvolvimentos aplicados. Dupla é a marca da ritmanálise no conjunto da obra do filósofo francês, consignando-se por um lado na epistemologia do ritmo e na valência científica da frequência rítmica¹⁸ (desde a radiação aos movimentos bióticos e cosmológicos) e por outro lado na abordagem, de claro fundo ritmanalítico, da dialéctica psicológica da imaginação dos

17 *La dialectique de la durée* (cap. VIII, *La rythmanalyse*), Paris, Boivin, 1936.

18 *N'O Novo Espírito Científico* (1934), Bachelard contrapõe epistemologicamente o conceito de ritmo ao de substância; escrevendo n'*A Filosofia do Não* (1940): «A radiação, entidade não-lavoisiana, põe-se como uma existência essencialmente temporal, como uma frequência, como uma estrutura do tempo. Pode mesmo perguntar-se se esta energia estruturada, vibrante, função de um número de tempo não bastaria para definir a existência da substância. Deste ponto de vista, a substância não seria mais do que um sistema multirressonante, um grupo de ressonâncias, um conjunto de ritmos que poderia absorver e emitir certas gamas de radiação.»

elementos (nos trabalhos em torno do ar, do fogo, da água e da terra). Por intermédio da ritmanálise, a filosofia experimental criacionista influenciou o pensamento europeu contemporâneo precisamente a partir da obra de Gaston Bachelard. No entanto, pouca atenção se tem prestado aos desenvolvimentos que Bachelard deu a certas potencialidades psicológicas do método ritmanalítico e particularmente as que apontam para as mais altas realizações, razão para algumas notas.

De acordo com o ensinamento de Lúcio Pinheiro dos Santos, a primeira função da ritmanálise, terapêutica, é desembaraçar-nos das agitações contingentes, das rotinas neuróticas, das arritmias desvitalizantes, restituindo-nos às alternativas de uma vida verdadeiramente dinâmica. Se assim nos podemos exprimir, à cacoritmia¹⁹ contrapõe a

19 Se incluirmos neste conceito, aliás como nos de arritmia e disritmia, o cenário ruidoso de uma civilização tecnocientífica dominada pela turbulência das vibrações mecânicas, então talvez não seja demasiado tarde para escutar as seguintes reflexões de Álvaro Ribeiro: «Obrigado a viver cada vez mais perto das máquinas, que invadem os locais de trabalho, de habitação, de repouso e divertimento, o homem sofre as pancadas de energias múltiplas que se estendem em radiações, vibrações e explosões, as quais afectam, contínua ou descontinuamente, o ritmo normal das funções orgânicas. «Não há pessoa que possa manter-se saudável num ambiente em que lhe é recusado o longo e contínuo sono reparador das energias perdidas, porque os ruídos da habitação e os ruídos da rua lho interrompem impunemente» (*A Literatura de José Régio*, p. 14). «O ouvido é predominantemente passivo, destinado apenas a receber avisos e alarmes que quebram acidentalmente o silêncio espacial, natural e saudável. O excessivo cansaço do ouvido, praticado pela poluição sonora que provém dos maquinismos industriais, do trânsito rodoviário e do interior das habitações ur-

ritmanálise a euritmia e ao *taedium vitae* do «nada de novo» contrasta ela a posição corajosa do «novo começo». Não só aceita ela a dualidade do psiquismo, talvez até a sua bipolaridade estrutural, como faz disso móbil dialéctico, activando-nos em direcção a novas sínteses e a novas passagens, onde a vida e o pensamento se tornem rítmicos. Assim transformada, a realidade há-de apresentar-se de outra maneira a uma atenção ritmada (porventura a que reparará nesse «cisne de desassossego rítmico», de que fala Fernando Pessoa). Impondo-se ao praticante de ritmanálise o sempre renovado regresso ao seu próprio ritmo, é daí que decorre uma melhor e mais consciente ligação aos ritmos biocósmicos e sociológicos, bem como à experiência da rítmica metafísica. Para isto aponta também a iniciação ritmanalítica de Gaston Bachelard. Além das ritmanálises da imaginação literária e da fenomenologia psicológica²⁰ esparsas pela sua obra²¹ (donde não está ausente uma antropologia do ritmo²²), oferece também a architectos capazes

banas, actua rapidamente como factor de perturbação nervosa e de insanidade mental, ameaçando já com os seus perigos o futuro da humanidade» (*Memórias de um Letrado*, p. 19).

- 20 Com anotações fecundas como esta: «O vero psicólogo encontra no coração humano uma união dos contrários afectivos que suplantará as ambivalências grosseiras» (*La terre et les rêveries du repôs*).
- 21 Por vezes em vivas imagens como a que, em *O Ar e os Sonhos*, integrando-nos no ritmo tranquilo da vida vegetal, mostra que «a árvore é o ser do grande ritmo, o verdadeiro ser do ritmo anual».
- 22 Recorrendo aos princípios psicológicos da ritmanálise, a antropologia da *Psicanálise do Fogo* imagina a vida do homem primitivo seguindo uma «mesma dinamogenia ritmada» das realidades como o amor, o trabalho e o canto; a euritmia do braço, do sexo

de filosofar, designers e demais espécies de nidificadores (incluindo urbanistas e ambientalistas) a poética do espaço na vivência de uma «ritmanálise da função de habitar»²³.

Quanto às subidas possibilidades da ritmanálise, escreve Bachelard em *Le droit de rêver*:

Se filosofar é, como nós cremos, não só manter-se em estado de meditação permanente, mas ainda na condição de primeira meditação, cumpre, em todas as circunstâncias psicológicas, reintroduzir a solidão inicial. Introduzir em todos os nossos sentimentos a alegria ou o receio da solidão, é pôr o sentimento na oscilação de uma ritmanálise.

«É para os psiquismos activos que a ritmanálise é útil», acentua em *La poétique de l'espace* o ritmanalista francês, que fornece uma técnica em três ordens de experiências sucessivas para a suplantação do tempo horizontal e o acesso ao

e da voz, harmonizando-se em ritmos mutuamente induzidos e temporalizados com sentido, amplificadores da consciência e da autoconfiança.

- 23 Uma tal experiência do habitar, entre a janela recôndita e a paisagem ilimitada, encontra «uma dialéctica da imensidão e da intimidade, uma ritmanálise real em que o ser encontra alternadamente a expansão e a segurança» (*La terre et les rêveries du repôs*). Do simples retiro da cabana à expansão magnífica do castelo, assim a experiência dos extremos, entre a casa concentrada e a casa expansiva; embora uma ritmanálise do habitar numa casa acolhedora possa oferecer-nos da sua janela a intimidade mesma do mundo, segundo a delicada observação de *La poétique de l'espace*.

tempo vertical da concentração rítmica – o activo repouso lírico no qual culmina a doutrina ritmanalítica de Lúcio Pinheiro dos Santos – onde «a poesia é uma metafísica instantânea»:

1) habituar-se a não referir o tempo próprio ao tempo dos outros – romper os quadros sociais da duração; 2) habituar-se a não referir o tempo próprio ao tempo das coisas – romper os quadros fenoménicos da duração; 3) habituar-se – duro exercício – a não referir o tempo próprio ao tempo da vida – não mais saber se o coração bate, se desponta a alegria – romper os quadros vitais da duração.²⁴

Aponta Bachelard à ritmanálise, na senda de Lúcio e de Leonardo, também ele tocado pelo *élan* da imaginação criadora, esse superior empenho (ao contrário da psicanálise ou da sociologia, ou da história e da política, centradas na antropologia do *homo normalis*) sublimador dos aspectos que fazem evoluir o humano ser, conduzindo-o além de si próprio e das suas possibilidades já consumadas. «A poesia é o estado rítmico do pensamento», escreveu Fernando Pessoa. O verdadeiro ritmanalista há-de sublimar-se.

Se a ritmanálise contém deveras um novo paradigma de conhecimento, como não é demais insistir, é ao futuro que começa que se descerram as paisagens dos seus múltiplos encaminhamentos, não esquecendo que a álea central é aí uma

24 «Instant poétique et instant metaphysique», in *Messages: Méta-physique et Poésie*, n.º 2, 1939.

doutrina da invenção. Com a ritmanálise, as ciências do movimento atenderão muito mais a noções como as de vibração rítmica e de ressonância e assim a medicina e as ciências alimentares, bem mais cientes dos processos da transmissão da vida dos tecidos; sensível ao princípio da relação rítmica entre todas as coisas, alterar-se-á a consciência da biosfera e com esta a vivência ecológica, o entendimento dos fenómenos climáticos e da repercussão destes nos entes animados e inanimados, etc., orientando-se o conhecimento no sentido de uma ontologia holorrítmica e de uma epistemologia do ritmo, em boa hora atentas ao sentido relacional dos indivíduos e portanto verdadeiramente receptivas para o significado da palavra *qualidade* (isto é, com a capacidade de congregar aquilo que é essencialmente próprio de cada *qual*)²⁵; o que poderá transformar os métodos quantitativos, aprofundados por novas formas psicológicas criadoras, desta vez ligadas às mais variadas escalas rítmicas, assim como as semióticas observarão o jogo dialéctico entre os fenómenos da repetição e os da inovação, mas aportados por uma noção autêntica de ritmo, agora mais próxima da ideia de constante renovação. Mediante uma compreensão eminentemente qualitativa e criadora do ser, noções como as de necessidade e de liberdade convergirão dialecticamente em noções como a de espontaneidade e

25 Refere José Marinho «o concreto ritmo e secreto pulsar íntimo de todo o imenso ser» (*Teoria do Ser e da Verdade*, Lisboa, Guimarães Editores, 1961, pp. 72, 108 e 126).

outras afins à criação artística²⁶ e verificar-se-á que assim como as quatro estações são o calendário do planeta pelo qual pautam os entes, viventes e elementos, os seus andamentos, também a cada mónada chamada a haver é dado ritmar seu próprio ser. Os filmes acerca da vida das plantas, quando acelerados, permitem apreciar a sintonia dos movimentos destas, tal como as iniciativas particulares de algumas delas fora dos comportamentos genéricos (não terá o aparecimento dos insectos resultado destes tipos diversos de iniciativas das plantas?). Até no indefinido vácuo para além do azul surgem sinais de ritmo: desde anéis planetários a luminescentes formações gasosas com padrões rítmicos, até ao pulsar termodinâmico das estrelas e à cinemática das espirais galácticas próximas dos traços de Vincent van Gogh ou das logarítmicas de certos moluscos, as remotas imagens telescópicas do espaço extraterrestre exibem diversificadas estruturas e acontecimentos de tipo rítmico.

Assim entregue ao infinitivo experimentar deste mesmo universo rítmico, a investigação do ritmo acolhe também seu pensamento secreto:

Minha alma é uma orquestra oculta

...

Só me conheço como sinfonia.²⁷

26 Leonardo Coimbra considera, por exemplo, «o ritmo da Alegria criadora» (*Adoração. Cânticos de Amor*), in *Obras Completas* (1919-1921), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007, p. 249.

27 Fernando Pessoa, *Nossa Senhora do Silêncio*.

II

A Ritmanálise

Gaston Bachelard

Introdução

Há alguns anos, foi-nos confiada uma importante obra que, tanto quanto saibamos, ainda não apareceu nas livrarias. A obra apresenta este belo título, luminoso e sugestivo: *A Ritmanálise*²⁸. Ao praticá-la, adquirimos a convicção de que há lugar, em psicologia, para uma ritmanálise no mesmo estilo em que se fala de psicanálise. Cumpre curar a alma sofredora – em particular a alma que sofre com o tempo, que sofre de *spleen* – através de uma vida rítmica, de um pensamento rítmico, de uma atenção e um repouso rítmicos. E antes de mais, desembaraçar a alma das falsas permanências, das durações mal feitas, *desorganizá-la* temporalmente. No tempo dos Novalis, dos Jean-Paul Richter, dos Lavater, a moda foi desorganizar os psiquismos entorpecidos em formas de sentimentalidades contingentes, sem força por

28 Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, professor de filosofia na Universidade do Porto (Brasil), *La rythmanalyse*, publicação da Sociedade de Psicologia e de Filosofia do Rio de Janeiro, 1931.

consequência para levar vidas estéticas e morais²⁹. Mas esta desorganização, dirigida ao plano sentimental, fica grosseira demais para nós. Tentámos prolongar até aí a nossa filosofia da negatividade e levar os nossos esforços de dissociação até ao tecido temporal, dissolvendo os ritmos mal feitos, apaziguando os ritmos forçados, excitando os ritmos demasiado lânguidos, procurando sínteses do ser na sintonia do acontecer, animando enfim toda a vida sabiamente ondulada pelos leves timbres da liberdade intelectual. Por vezes, em horas felizes e muito raras, reencontrámos ritmos mais naturais, mais simples, mais tranquilos. Saíamos dessas sessões de ritmanálise serenado. O nosso repouso alegrava-se, espiritualizava-se, poetizava-se, ao viver essas diversidades temporais bem regradas. Por muito mal preparado que estivéssemos para essas emoções pela nossa pobre cultura abstracta, parecia-nos que as meditações ritmanalíticas nos traziam uma espécie de eco filosófico das alegrias poéticas. Subitamente, achávamos passagens, acordos, correspondências inteiramente baudelairianas entre o pensamento puro e a pura poesia. Não íamos somente de um sentido a outro, mas dos sentidos à alma. Será que a poesia não era então um acidente, um pormenor, um divertimento do ser? Poderia ela ser o próprio princípio da evolução criadora? Teria o homem um destino poético? Estaria ele na Terra para cantar a dialéctica das alegrias e das dores? Há aí toda uma ordem de questões que não tínhamos qualidade para

29 Ver por exemplo a bela tese do Sr. Spenlé sobre Novalis, que valoriza o alcance filosófico e moral da «desorganização».

aprofundar. Portanto, reduzimos a nossa tarefa ao mínimo e num curto capítulo que termina o nosso livro, resumimos as teses mais marcantes da obra do Sr. Pinheiro dos Santos transformando-as ligeiramente no sentido de uma filosofia idealista onde o ritmo das ideias e dos cantos comandaria pouco a pouco o ritmo das coisas.

A Ritmanálise

Os estudos muito complexos e variadíssimos do Sr. Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, tais como pudemos conhecê-los, apresentam-se sob a forma de uma série de ensaios que o próprio autor dá como provisórios e sujeitos a revisão³⁰. Não temos intenção de mostrar o plano de conjunto nem de descrever as múltiplas linhas de desenvolvimento. Queremos só fixar alguns temas gerais e examinar as ressonâncias que podem esses temas determinar na nossa própria tese das durações essencialmente dialécticas, construídas sobre ondulações e ritmos. Para ser exposta com a amplidão que merece, a obra do Sr. Pinheiro dos Santos exigiria um volumoso trabalho. Ela sugere, em muitos domínios, experiências que deveriam tentar investigadores em busca de ideias novas.

30 Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos, professor de filosofia na Universidade do Porto (Brasil), *La rhythmanalyse*, publicação da Sociedade de Psicologia e de Filosofia, Rio de Janeiro, 1931.

I

O Sr. Pinheiro dos Santos estuda a fenomenologia rítmica de três pontos de vista: material, biológico, psicológico. Mais não faremos do que esboçar o que diz respeito aos dois primeiros pontos de vista, posto que, neste pequeno livro, são sobretudo as bases da psicologia da duração que nos interessam.

Que a matéria se transforma em radiação ondulatória e que a radiação ondulatória se transforma reciprocamente em matéria, é doravante um dos princípios mais importantes da Física contemporânea. Esta transformação tão facilmente reversível deve conduzir com toda a naturalidade a pensar que, em certos aspectos, a matéria e as radiações são semelhantes. Quer isto dizer que a matéria deve ter, como as radiações, caracteres ondulatórios e rítmicos. A matéria não está instalada no espaço, indiferente ao tempo; ela não subsiste, completamente constante e inerte, numa duração uniforme. Tampouco aí se acha como qualquer coisa que se gaste e se disperse. Ela é não só sensível aos ritmos; ela *existe*, em toda a força do termo, no plano do ritmo, e o tempo onde ela desenvolve certas manifestações delicadas é um tempo ondulante, tempo que não tem senão uma maneira de ser uniforme: a regularidade da sua frequência. As diversas potências substanciais da matéria, assim que estudadas no seu pormenor, apresentam-se como frequências. Em particular, desde que acedemos às trocas energéticas detalhadas entre as diversas matérias químicas, apercebemo-nos que essas trocas se fazem de modo rítmico, pelo intermédio

indispensável de radiações com frequências determinadas. Grosseiramente apreciada, a energia pode sem dúvida perder na aparência os seus ritmos, distender a sua proporção com o tempo ondulante; ela apresentar-se-á, então, como um resultado global, como um balanço onde o próprio tempo perdeu a sua estrutura ondulatória: paga-se a electricidade ao quilowatt-hora, o carvão à tonelada. Mas é-se na mesma iluminado e aquecido por vibrações. Mesmo as formas de energia mais constantes não nos devem iludir. A teoria cinética dos gases ensinou-nos que um gás preso numa bomba mantém o pistão num nível invariável por meio de uma multidão de choques irregulares. Não seria absurdo, sem dúvida, que sobreviesse um acordo temporal entre os choques e que o pistão saltasse sob o simples efeito dos choques sincronizados, sem nenhuma razão macroscópica. Mas o físico tem confiança: a lei dos grandes números *guarda* os seus fenómenos; a eventualidade de um acordo temporal dos choques tem uma probabilidade desprezável. De um modo inteiramente semelhante, uma teoria cinética dos sólidos mostrar-nos-ia que as figuras mais estáveis devem a sua estabilidade a um desacordo rítmico. São as figuras estatísticas de uma desordem temporal; nada mais. As nossas casas são construídas com uma anarquia de vibrações. Caminhamos sobre uma anarquia de vibrações. Sentamo-nos sobre uma anarquia de vibrações. As Pirâmides, cuja função é contemplar os séculos monótonos, são cacofonias intermináveis. Um mágico, regente de orquestra da matéria, que pusesse de acordo os ritmos materiais, volatilizaria todas essas pedras. Esta possibilidade de

uma explosão puramente temporal, devida unicamente a uma acção sincronizante sobre os tempos sobrepostos relativos aos diferentes elementos, mostra bem o carácter fundamental do ritmo para a matéria.

Se estudamos o problema ao nível de um corpúsculo particular, a conclusão será a mesma. Se um corpúsculo parar de vibrar, deixará de ser. Doravante, é impossível conceber a *existência* de um elemento de matéria sem juntar a este elemento uma frequência determinada. Pode-se, pois dizer que a energia vibratória é a *energia de existência*. Porque não teremos então o direito de inscrever a vibração no próprio plano do tempo primitivo? Não hesitamos. Para nós, o tempo primitivo é o tempo vibrado. A matéria existe num tempo vibrado e só num tempo vibrado. No próprio repouso, ela tem energia porque repousa sobre o tempo vibrado. Tomar o tempo como um princípio de *uniformidade* seria então esquecer uma característica fundamental. Cumpre atribuir ao tempo uma dualidade básica, visto que a dualidade, inerente à vibração, é o seu atributo operante. Compreende-se agora que o Sr. Pinheiro dos Santos não hesite em escrever³¹: «A matéria e a radiação não existem senão no ritmo e pelo ritmo.» Não se trata, como muito frequentemente, de uma declaração inspirada por uma mística do ritmo; é verdadeiramente uma intuição nova solidamente fundada nos princípios da física ondulatória contemporânea.

31 Pinheiro dos Santos, *loc. cit.*, t. II, sect. I, p. 18.

Desde logo, o problema inicial não é tanto perguntar como vibra a matéria, quanto perguntar como pode a vibração assumir aspectos materiais. A doutrina das relações entre a substância e o tempo apresenta-se, pois, sob uma perspectiva metafísica totalmente nova: não se deve dizer que a substância se desenvolve e se manifesta sob a forma de ritmo; deve-se dizer que é o ritmo *regular* que aparece sob forma de atributo material *determinado*. O aspecto material – com a pseudo-riqueza da sua irracionalidade – é apenas um aspecto confuso. Estritamente falando, o aspecto material é a *confusão realizada*. A investigação química, dirigindo-se não a uma *matéria*, mas a uma *substância pura*, levará mais cedo ou mais tarde a definir as qualidades precisas dessa substância pura como qualidades temporais, ou seja como qualidades inteiramente caracterizadas por ritmos. A fotoquímica sugere já, neste sentido, substâncias verdadeiramente novas onde o tempo vibrado põe a sua marca. Pode-se prever que o químico fará em breve substâncias, com o espaço-tempo simetrizado e ritmado. Dito de outro modo, o metafísico que quiser firmar intuições de acordo com as necessidades científicas actuais, deve substituir o espaço-tempo duplamente uniforme em uso na era pré-broglieana, pela simetria-ritmia.

Como se vê, o realismo necessita de uma verdadeira inversão metafísica para corresponder aos princípios do materialismo ondulatório. É um ponto a que nos propomos voltar noutro trabalho onde daremos conta das provas científicas. Tampouco discutiremos se um realismo assim *invertido* é

ainda, propriamente, um realismo. Por ora, cumpria-nos esboçar as bases físicas da Ritmanálise e mostrar que esta doutrina, mais propriamente biológica e psicológica, provém de uma visão metafísica geral.

II

Seremos igualmente muito breve acerca do ensaio de biologia ondulatória tentado pelo Sr. Pinheiro dos Santos. A propósito de um número considerável de factos, colhidos sobretudo na homeopatia, o autor propõe a interpretação «ondulatória», isto é a explicação da acção substancial pela substituição da substância por uma radiação particular. A diluição, sempre muito grande em homeopatia, favorece em suma a temporalização vibrada da substância medicinal. Esta interpretação é plausível; mas não afasta completamente a tradicional interpretação substancialista. Seria preciso, sem dúvida, instituir experiências de discriminação – por exemplo, verdadeiras interferências medicinais, concebidas no modo vibratório – para legitimar plenamente a forma ondulatória proposta pelo Sr. Pinheiro dos Santos. Tentemos simplesmente caracterizar metafisicamente os dois pontos de vista opostos e complementares da substância e do ritmo.

A intuição substancialista habitual é antes de mais contradita, de certo modo, pela existência da homeopatia. Com efeito, na sua forma *naïve*, quer dizer na sua forma pura, a intuição substancialista pretende que uma substância

actue proporcionalmente à sua massa, pelo menos até certo limite. Admite-se que haja doses ligeiras cujo excesso produza perturbações. Mas não se chega facilmente a admitir uma eficácia das diluições extremas administradas pelos homeopatas. Enquanto se considerar a substância médica como uma realidade quantitativa, não se compreenderá facilmente uma acção substancial que ocorra, de algum modo, em razão *inversa* da quantidade. Do mesmo modo, requer-se sempre que, numa higiene racional, as substâncias alimentares sejam colocadas na dependência de um critério ponderal. O corpo humano é como um armazém de provisões onde nenhuma prateleira deve ficar vazia. É preciso absorver a dose quotidiana dos diversos alimentos que devem, matéria a matéria, encontrar-se novamente na economia da organização. Mais uma vez aqui, é a intuição quantitativa que se passa para primeiro plano.

Poderíamos nesta ocasião empreender uma psicanálise do sentimento de posse. O sucesso fácil das troças dirigidas contra os homeopatas prende-se, sem dúvida nenhuma, com a preponderância do prazer da posse, muito claramente física, muito claramente material, que resulta da consciência de digerir e de engordar. É contra esta segurança maior e imediata que dá a alegria de engolir que a homeopatia e a higiene ondulatória devem reagir. As doutrinas da pequena dose têm contra elas, não só a ideia de substância, como ainda o evidente sentimento de força que experimentamos ao possuir uma substância, ao acarinhar reservas e capitais.

Aceitemos, porém, contra esta primeira convicção turva, o facto homeopático e vejamos como é que o Sr. Pinheiro dos Santos o interpreta ritmanaliticamente. Para ele, a assimilação é menos uma troca de substâncias do que uma troca de energia; e como a energia não pode fugir, na sua evolução detalhada, à forma vibratória, o Sr. Pinheiro dos Santos propõe introduzir sistematicamente uma irradiação entre a substância absorvida e a substância assimilada. O termo *substância assimilada* tem, aliás, pouco sentido. Se se trata de uma simples colocação em reserva, como no caso das células adiposas, não concerne à acção vital anagenética. É no momento em que a substância se gasta, se destrói, que devemos compreender a sua acção. (Não dizemos no momento em que a substância se transforma, porque o materialismo ondulatório admite como possível a destruição da matéria.) Ora, nas perspectivas da biologia ondulatória, é impossível uma substância agir verdadeiramente se ela não se *temporalizar* em forma vibratória, consecutivamente à sua destruição. Posta de reserva, ela é bloqueada no espaço inerte. Só actua onde estiver, ou seja, sobre ela própria. Para sair para fora de si mesma, cumprirá que se propague e não pode propagar-se senão ondulatoriamente. A acção externa é necessariamente uma acção vibrada. Além disso, será sempre necessária a intervenção de uma ondulação para despertar e activar uma substância em reserva. Por conseguinte, é sempre ao período de activação que se deve regressar para compreender a acção de um alimento ou de um remédio.

Desde logo, é de ritmo a ritmo, mais do que de coisa a coisa, que se devem apreciar as acções terapêuticas. De que vibrações temos normalmente necessidade? Eis a questão propriamente vital. Quais são as vibrações que se extinguem ou se excitam? Quais as vibrações a reavivar ou a moderar? Eis a questão terapêutica.

Mas como contribuirá esta visão geral para explicar o facto homeopático? É porque a dose é ultradiluída que a substância medicinal pode propagar ritmos. Com efeito, na forma maciça, a substância absorveria de algum modo os seus próprios ritmos; entraria em ressonância consigo mesma, sem exercer o seu papel de excitação exterior a si mesma. Ela escaparia à indispensável destruição, faltando ao jogo com o nada. Recuperar-se-ia a si própria. De facto, a física das radiações mostra bem que as substâncias agem sobretudo pelos elementos superficiais e que as irradiações das partes profundas são absorvidas pela própria matéria radiante. A diluição da matéria homeopática é assim uma condição da sua acção vibratória.

De modo similar, compreender-se-á terem os *bouquets* e os temperos uma acção digestiva tanto mais eficaz quanto mais delicados e raros são. Com efeito, essas substâncias complexas e frágeis são facilmente decompostas ou neutralizadas, facilmente destruídas. Ora, uma substância que retorna ao nada ocasiona uma radiação. A «onda de destruição» será aqui particularmente penetrante e activa. O epicurismo superficial que atribui aos odores e aos sabores um simples valor apetitivo parece pois, à luz dos factos, muito insuficiente.

O prazer tem uma eficácia mais profunda. Pode-se perguntar se uma teoria activa ritmanalítica da sensação não poderia completar a teoria tradicional, inteiramente passiva, totalmente receptiva. A excitação será então uma ressonância que se junta a vibrações específicas produzidas pela destruição de substâncias particulares. Necessário seria, por conseguinte, transmutar todos os valores digestivos. Para um epicurismo profundo, a ambrósia e os álcoois divinos são de primeira necessidade. Essas maravilhosas «tinturas» trazem-nos, sabiamente doseadas, as raras e múltiplas essências do mundo vegetal. Elas são as fontes de uma homeopatia exaltante e guiam-nos no sentido da vida acrescida. Há, portanto, que colocar na base da higiene ritmanalítica o princípio: pequenas causas, grandes efeitos; pequenas doses, grandes sucessos. Assim se poderia fundar uma arte da micro-alimentação, se ousarmos empregar um termo tão bárbaro mas que sugere uma vida tão alegremente desmaterializada! Antes de tudo, cumprirá evidenciar as características temporais desta micro-alimentação. Com um micro-alimento, absorve-se duração e ritmos, antes que substância. A substância não é senão a ocasião de um devir; a essência pura é tão-só um tempo bem vibrado. Tomaremos como princípio fundamental a necessidade de sustentar os ritmos úteis e normais, de favorecer o acordo dos ritmos pessoais e dos ritmos impostos pela natureza, de salvaguardar a sinfonia das hormonas. Nunca se deverá perder de vista que todas as trocas se fazem por intermédio de ritmos. A Ritmanálise biológica deverá tomar por tarefa codificar todos

esses ritmos e dar à totalidade orgânica e substancial o sentido «sinfónico».

Se as substâncias diluídas têm efeitos ondulatórios característicos, pode explicar-se muito facilmente o efeito directo de certas ondulações. Essas radiações particulares podem ser o substituto de substâncias particulares e o Sr. Pinheiro dos Santos propõe justamente uma teoria da reversibilidade das vibrações e das vitaminas³². «Certos sábios, entre os quais o professor Centani... crêem na existência de cargas eléctricas nas vitaminas; assimilam-nas assim a iões e explicam a sua acção por fenómenos *que seriam, na ordem biológica, o que são as radiações na ordem física*. Rosenkeim e Webster mostraram que os raios ultravioletas têm uma acção semelhante à da vitamina D. Os raios ultravioleta fornecem fotões da mesma frequência que os que podem ser emitidos pela vitamina D, que, por seu turno, os absorveu do sol.» Donde, diga-se de passagem, uma explicação ritmanalítica da acção médica de certos sais expostos ao sol. Vê-se, de resto, o carácter eminentemente reversível das radiações e das substâncias. Por isso, pode afirmar-se que certas substâncias químicas levam ao organismo, não um conjunto de qualidades específicas, mas antes um grupo de ritmos, ou, como muito bem diz o Sr. Pinheiro dos Santos, um «corpo de fotões».

Nada se opõe, aliás, a que uma substância homeopática, tendo tomado a forma de pura vibração, seja reconstituída em seguida sob forma

32 Pinheiro dos Santos, *loc. cit.*, t. I, sect. I, p. 26.

de substância. Há, com efeito, exacta reversibilidade da matéria à ondulação e da ondulação à matéria. O papel da microsubstância seria talvez muito simplesmente desencadear vibrações biológicas naturais. Explicar-se-ia também que a dose ultradiluída se conserve mais integralmente que uma dose maciça porquanto pode restituir-se. Chegar-se-ia este paradoxo de que o infinitamente pequeno bem estruturado e bem ritmado se perde menos facilmente que a matéria grosseira e inerte.

Precisamente, a esta teoria rítmica das actividades substanciais, o Sr. Pinheiro dos Santos acrescenta uma hipótese inversa da *concreção* de certos ritmos. Tal é, por exemplo, a curiosa hipótese da formação ondulatória das toxinas. Certas células recebem ritmos de frequências perigosas? Há, então, «retenção toxínica»³³. Sem a formação das toxinas que vão concretizar e absorver a energia irradiante nociva, uma pequena perturbação mórbida acarretaria a morte. Segue-se toda uma hipótese das relações microbianas que poderia constituir a base de uma bacteriologia ondulatória e esclarecer muitos problemas. Mas, se a explicação do Sr. Pinheiro dos Santos é coerente e rica, não vemos que proponha experiências específicas que permitam a decisão entre a interpretação substancialista e a interpretação ondulatória. Contudo, é já de uma grande importância que a tradução ondulatória da bacteriologia clássica seja possível.

33 Pinheiro dos Santos, *loc. cit.*, p. 1.

Qualquer que seja, aliás, a decisão do laboratório, ficará do esforço de pensamento do Sr. Pinheiro dos Santos o mérito de ter mostrado o carácter verdadeiramente primordial da vibração na própria base da vida. Se a matéria inerte entra já em composição com os ritmos, é bem certo que, pela sua base material, a vida deve ter propriedades profundamente rítmicas. Mas é sobretudo por via de emergência que se introduzem as necessidades ritmanalíticas do processo vital. Uma vez que a vida é estritamente contemporânea de transformações materiais, visto ser ela impossível sem o incessante socorro das transformações materiais, sem o jogo duplo da assimilação e da desassimilação, é necessário que ela passe pelo intermédio de uma energia ondulatória. É só nos seus horizontes estatísticos e globais que a vida parece seguir uma continuidade e uma uniformidade temporais. Ao nível das transformações elementares que a suscitam, a vida é ondulação. A esse título, ela é, pois, do domínio directo de uma Ritmanálise.

Ademais, se nos lembrarmos de que as matérias formadas pela actividade orgânica são particularmente complexas e frágeis, seremos levados a considerar a matéria viva como mais rica em timbres, mais sensível aos ecos, mais pródiga de ressonâncias, do que a matéria inerte. Todas as destruições que a ameaçam, todas as mortes parciais que a arruínam, toda esta zona de nada activo que tenta o seu ser com mil vertigens, são outras tantas ocasiões de oscilações. O mesmo se dá com a assimilação: toda a conquista de estrutura acompanha-se de uma harmonização de

ritmos múltiplos. A vida, nos seus êxitos, é feita de tempos bem ordenados; é feita, verticalmente, de instantes sobrepostos ricamente orquestrados; religa-se a si mesma, horizontalmente, pela justa cadência dos instantes sucessivos unificados numa função. Sentir-se-á melhor, aliás, o andamento rítmico da vida considerando-a nos seus cumes, ao estudar, como faremos agora, a actividade ritmanalítica do espírito, esse mestre dos arpejos!

III

Poderíamos repetir aqui, palavra por palavra, tudo quanto dissemos em relação à emergência necessariamente ondulatória da vida. Com efeito, a vida consciente é uma nova emergência que se efectua nessas condições de raridade, de isolamento, de desligamento, muito favoráveis às formas ondulatórias. Em qualquer processo, quanto menor for a energia envolvida, mais nítida será a forma ondulatória das trocas energéticas. A energia espiritual deve, pois, ser, entre as energias vitais, a que é mais próxima da energia quântica e ondulatória. É aquela para quem a continuidade e a uniformidade são as mais excepcionais, as mais artificiais, as mais trabalhadas. Quanto mais se eleva o psiquismo, mais ele ondula. Na passagem do material ao espiritual, entre matéria e memória, poder-se-ia estabelecer todo um programa de pesquisas que permitissem dar-se conta da importância do factor da repetição. Do mesmo modo que um tratamento helioterápico,

guiado pela Ritmanálise, aconselhará períodos alternados de pigmentação e despigmentação, uma pedagogia ritmanalítica instaurará a dialéctica sistemática da recordação e do esquecimento. Só se sabe bem aquilo que sete vezes se esqueceu e outras sete se reaprendeu, dizem os pedagogos indulgentes, os bons. Apesar disso, tais pedagogos, confiantes na reacção natural que há-de defender favoravelmente o espírito contra a sobrecarga dos conhecimentos não assimiláveis, não conseguiram ainda auxiliar neste ponto a natureza, fornecendo-lhe métodos de esquecimento, métodos de «despigmentação». As férias não chegam para isso. Ocorrem a demasiado longo prazo. Não são incorporadas na cultura, no tecido temporal escolar. O ritmo escolar é assim todo desequilibrado; contradiz os princípios elementares de uma filosofia do repouso. É na própria hora do trabalho que se deve meter a oscilação. Pode-se estudar matemática pelo metrónomo. É uma maneira de aproveitar as oscilações da emergência espiritual.

Porém, não insistiremos mais acerca do carácter cada vez mais nitidamente ondulatório das diversas emergências e colocaremos antes de mais um problema particular que dá uma medida do alcance psicológico da Ritmanálise. É o problema das relações da Psicanálise e da Ritmanálise. Mais sistematicamente do que a Psicanálise, procura a Ritmanálise motivos de dualidade para a actividade espiritual. Reconhece a distinção entre as tendências inconscientes e os esforços de consciência; mas equilibra melhor do que a Psicanálise as tendências para os pólos opostos, o duplo movimento do psiquismo.

Com efeito, para o Sr. Pinheiro dos Santos, o homem pode sofrer de uma escravidão a ritmos inconscientes e confusos que são uma verdadeira falta de estrutura vibratória. Mas ele pode sofrer sobretudo da consciência da sua infidelidade aos ritmos espirituais elevados³⁴. «O homem sabe que pode superar-se» e tem a necessidade e o gosto de se ultrapassar. A sublimação não é um ímpeto obscuro, é um apelo. A arte não é um último recurso da tendência sexual. Pelo contrário, a tendência sexual é já uma tendência estética; está profundamente envolvida num conjunto de tendências estéticas. O Sr. Pinheiro dos Santos firma a sua Ritmanálise na filosofia criacionista, numa sublimação activa de todas as tendências. É a falta de uma sublimação activa, atractiva, emergente, positivamente criacionista, que perturba o equilíbrio da ambivalência psicanalítica e perturba o jogo dos valores psíquicos. Não poder *realizar* um amor ideal é por certo um sofrimento. Não poder *idealizar* um amor realizado é outro.

Estamos aqui no ponto mais delicado da doutrina do Sr. Pinheiro dos Santos. Tratemos então de precisar o modo como o criacionismo impõe ao psiquismo uma ondulação afectiva. Quer o ser vivo sair do estado em que se encontra? Entrega-se ao seu ímpeto pessoal? Arrisca uma parte do seu poder, da sua energia? Imediatamente, sente a necessidade de se voltar para a experiência adquirida, de alcançar um *ponto de apoio* para assegurar o seu impulso, como bem viu Jean Nogué.

34 Pinheiro dos Santos, *loc. cit.*, t. II, sect. I, p. 5.

Pelo contrário, persiste o ser no plano do já adquirido? Logo os ritmos monótonos que caracterizam este estado, mais vizinho da matéria, tendem a amortecer-se cada vez mais e a reacção criacionista aparece como mais necessária e ao mesmo tempo mais fácil. Sem esta reacção, o porvir do ser vivo cairia no torpor. Toda a evolução criadora, compreendida, não no resumo estatístico que é a evolução das espécies, mas no indivíduo e sobretudo no indivíduo jovem, é uma evolução necessariamente ondulada. No indivíduo, a evolução é um tecido de êxitos e de erros. A evolução da espécie não nos dá mais do que uma soma de sucessos, maiores ou menores, mais ou menos especiais, onde o erro é registado apenas sob aspectos teratológicos. Ao contrário, a função do indivíduo é enganar-se. Faça cada qual em si mesmo a psicologia de um ensaio criador, de uma tentativa inovadora; por mais modesto que seja este ensaio, ou até sobretudo se este ensaio criador for modesto, aparecerá a evidência da psicologia criacionista ondulatória. O erro não pode ser contínuo sem dano. O sucesso não pode ser contínuo sem risco e sem fragilidade. No seu pormenor, a evolução do indivíduo é ondulante.

No plano mais especificamente moral, o Sr. Pinheiro dos Santos dá-se conta de que o recalçamento é libertado ou corrigido, como Freud indica, pelo método catártico. Mas o método de Freud não vai suficientemente longe: esquece características que a Ritmanálise vai ter muito cuidado em associar ao exame catártico. Com efeito, quando o acontecimento recalçado é trazido à consciência clara, parece, para a doutrina psicanalítica,

que o doente vai automaticamente curar-se, que a consciência esclarecida vai perdoar a falta durante muito tempo escondida e que o «remorso» inconsciente vai ser apaziguado pela confissão consciente. Mas não será de rezear que o processo doloroso se reconstitua no inconsciente? Não é esse processo doloroso, na confissão de Freud, uma perturbação dinâmica, um mal-estar transitivo mais do que estável? Para estar ao abrigo de uma repetição da neurose, que nunca carece de interpretações, dever-se-á preparar no consciente o sistema claro do perdão íntimo. Poder-se-á, então, esperar que «o escrúpulo» não volte mais a formar-se. Este sistema de perdão sistemático e consciente, montado em face do automatismo da má consciência, em oposição às más tendências do processo nocivo, deve constituir o pólo claro da dialéctica moral. A psicanálise – com frequência se lhe fez o reparo – subestimou a vida consciente e racional do espírito. Não viu a acção constante do espírito que, valha o que valer, dá sempre uma forma ao informe, uma interpretação aos desejos e aos instintos obscuros. O método catártico permanecerá por conseguinte um acto clínico, consumado por um perito destre e instruído. É uma «operação» que pode ser necessária nas neuroses, nos grandes infortúnios da vida criminal. A moral fina tem necessidade de um método catártico mais frequente, mais maleável. Tal releva da ritmanálise, mais apropriada do que a psicanálise para acompanhar as tentações ondulantes. Além disso, quando cumpre aceder a uma vida moral positiva e *inventar* o bem e não somente fazê-lo, é só a ritmanálise que nos pode guiar. Unicamente ela tem em conta o dualismo

moral e o Sr. Pinheiro dos Santos escreve³⁵: «O equilíbrio rítmico da inflexibilidade moral e da doçura de coração é a lei do amor e a sua própria expressão.» De uma maneira mais precisa, sob o nome de espírito de casal³⁶, a Ritmanálise pôs à luz o motivo fundamental da dualidade moral. Como o egoísmo humano acaba sempre por chegar ao desejo de se apropriar dos valores *sociais*, a sedução e a conquista de outrem permanece o fim do egoísta. A personalidade vive então num ritmo de conciliação e de agressão «que vai de um pólo a outro das duas atitudes contrárias do ritmo *amor-próprio* – amor ao próximo»³⁷. Talvez em mais nenhuma parte do que na moral seja tão visível a ambiguidade das interpretações: todos os nossos actos morais têm uma dupla finalidade. A moral tem uma reacção sobre o ser. Estimo para ser estimado. Amo para ser amado. Faço o bem para ser feliz. A comparação entre o eu e o outro é o princípio fundamental de toda a prova moral. A emoção moral é, de todas, a mais ondulante. A moral ritmanalítica propõe-se regular esta ondulação.

IV

Extraímos assim dos longos desenvolvimentos da obra do Sr. Pinheiro dos Santos alguns exemplos desta polaridade essencial da vida espiritual que forma a base fundamental da Ritmanálise.

35 Pinheiro dos Santos, *loc. cit.*, t. II, sect. II, p. 12.

36 No original: «*esprit de couple*».

37 *Id., ibid.*, p. 6.

Limitando-nos assim, não podemos dar ideia da riqueza da obra que evocamos. Porém, é suficiente termos dado a impressão de que todo o esforço da vida se dialectiza, que toda a actividade espiritual é passagem de um nível a outro mais elevado e que toda a emergência necessita de um apoio. Aceitar-se-á talvez facilmente todas essas polaridades que não são novas na filosofia; mas far-nos-ão, sem dúvida, a seguinte objecção: em que é que tais oposições psicológicas e morais são responsáveis por uma filosofia temporal? Não parece que a duração nada tenha a ver com esses problemas e que possamos resumir todas essas oposições no velho tema: os contrários atraem-se?

Para responder a estas objecções, podemos invocar dois tipos de casos, conforme os contrários se oponham numa hostilidade decisiva ou se trate de contrariedades mínimas. No primeiro caso, a duração de um estado vai precisamente condicionar a intensidade da reacção contrária. Eis uma observação muitas vezes feita pelos políticos e pelos pedagogos; mas esta observação ganharia em ser alargada a todos os domínios da vida. Então, reconhecer-se-ia que toda a inibição severa determina acumulações energéticas que mais cedo ou mais tarde deverão reagir. A duração da reacção que sucede a uma coerção de longa duração é ela própria alongada; donde a instalação de um ritmo ao mesmo tempo poderoso e lento.

Sem nos alargarmos acerca deste ponto, que daria azo a fáceis desenvolvimentos, pediremos aos nossos críticos que tenham a bondade de considerar exemplos onde os contrários são menos distantes, menos hostis, do que os contrários

examinados pelo Sr. Pinheiro dos Santos. Tornar-se-á então patente que entre esses dois pólos muito próximos, a hesitação – forma indispensável do progresso – toma o aspecto de uma oscilação cada vez mais regular que se sincroniza cada vez melhor com ritmos temporais precisos. Assim, tratando-se da ambivalência afectiva, não consideremos mais valores passionais ou dramáticos decisivos. Consideremos ligeiros *spleens*, habitados de desejos inconstantes; consideremos, por assim dizer, tentações que não tentam, despezos indulgentes, recusas amáveis, alegrias verbais... e eis que o tempo se põe a oscilar, que todos os segundos se contradizem e se coloram ligeiramente, baços ou brilhantes. Os contrários casam-se, depois separam-se para novamente casar:

Valsa melancólica e lânguida vertigem.

Tal é a ambivalência menor em que veremos animar-se a Ritmanálise. Nestes estados de instabilidade superficial, é verdadeiramente o tempo que é o esquema de análise apropriado; a dialéctica da consciência e da vontade, bem solta dos interesses e das utilidades, tende a tornar-se temporal. As razões para *continuar* um estado são tão fracas que o gosto de interromper afirma-se. Nesta doce vida livre, só o tempo comanda: então tudo cintila.

À Ritmanálise concernem também as dores físicas leves. Com um pouco de exercício, pode-se, por exemplo, fazer vibrar uma dor de dentes. Basta, mediante uma atenção calma, reconduzi-la às suas proporções precisas, evitar a irritação geral, a agitação generalizada, que viriam *encher*

os intervalos da dor precisa. As pulsações da dor local assumem então o seu ritmo regular. Uma vez aceita, esta regularidade apresenta-se como um alívio. A dor é verdadeiramente restituída ao seu aspecto local porque se soube determinar bem o seu exacto aspecto temporal.

Porém, estas aplicações detalhadas, cuja eficácia constatámos pessoalmente, exigem um exercício bastante longo. Elas só são possíveis se anteriormente se tiver revalorizado e regularizado os grandes ritmos naturais que sustêm a vida. E em primeiro lugar a respiração, lenta e regular cadência que marca profundamente, quando bem liberta de toda a inquietação orgânica, a nossa confiança temporal, a confiança que temos no nosso futuro próximo, o nosso acordo com o tempo escandido³⁸. É a regularidade do fôlego que uma filosofia do repouso deve esforçar-se por realizar antes de qualquer outra tarefa. E a Ritmanálise vai de encontro aos ensinamentos da filosofia indiana. Romain-Rolland transmite-nos nestes termos a primeira lição de Vivekananda³⁹: «Aprender a respirar ritmicamente, com medida, por cada uma das narinas, alternadamente, concentrando o espírito na corrente nervosa, no centro. Juntar algumas palavras ao ritmo respiratório, para melhor o compassar, marcar e dirigir. Que todo o corpo se torne rítmico! Aprende-se assim a verdadeira mestria e o verdadeiro repouso, a calma do rosto e da voz. Por

38 Cf. Masson-Oursel, «Les doctrines indiennes de physiologie mystique», *apud: Journal de Psychologie*, 1922, p. 322.

39 Romain-Rolland, *La vie de Ramakrishna*, p. 295.

meio da respiração rítmica, tudo se coordena pouco a pouco no organismo. Todas as moléculas do corpo tomam a mesma direcção.» Por outras palavras, os ritmos regulares reforçam, pela sua ressonância, as simetrias estruturais. Cumpre-nos sublinhar também o conselho de assegurar o ritmo respiratório numa cadência vocal mais lenta. A grande eficácia de tais ritmos menos frequentes é com efeito, do nosso próprio ponto de vista, essencial. Mostra ela que o ritmo grave, de pulsações lentas, pode suportar e condicionar um ritmo agudo, de frequências maiores. Se um ritmo vital rápido for perturbado, isso remediar-se-á pelo enquadramento de um ritmo mais lento, mais fácil de vigiar, mais fácil de impor. É por isso que a marcha compassada por um canto muito descontínuo, por um batimento de ligação a cada dois ou três passos, é tão salutar para restituir à respiração a sua calma e a sua regularidade. Uma conclusão precipitadamente realista admitiria de preferência a eficácia inversa, imaginando que é o ritmo de frequências numerosas que contém, como incidentes suplementares, os acontecimentos do ritmo lento. Mas as experiências são comprobatórias: o espírito impõe o seu domínio sobre a vida através de acções pouco numerosas e bem escolhidas, e é por essa razão que uma arte do repouso pode fundamentar-se na segurança de alguns pontos de referência bem distribuídos.

Teremos, aliás, abundantes confirmações disso ao examinar, do ponto de vista da Ritmanálise, os largos ritmos que marcam a vida humana. É preciso, por exemplo, lembrar o interesse que uma vida sábia e pensativa acha em regular-se pelo dia,

pelo andamento regular das horas? Será necessário descrever a duração bem ritmada do homem do campo vivendo de acordo com as estações, formando a sua terra ao ritmo do seu esforço? Que tenhamos um interesse físico em nos adaptarmos muito rigorosamente aos ritmos vegetais, é o que é cada vez mais evidente desde que se conhece a especificidade das vitaminas: a época do morango, a época do pêssigo e da uva são ocasiões de renovação física, de acordo com a Primavera e o Outono. O calendário da fruta é o calendário da Ritmanálise. A Ritmanálise procura em toda a parte ocasiões de ritmos. Ela tem confiança que os ritmos naturais se correspondem ou que podem sobrepor-se facilmente, encadeando-se entre si. Ela previne-nos assim do perigo que há em viver em contratempo, desconhecendo a necessidade fundamental de dialécticas temporais.

V

Porém, o enquadramento da vida humana nestes grandes ritmos naturais fixa mais a felicidade do que o pensamento. O espírito tem necessidade de coordenadas mais apertadas e se, como cremos, a vida intelectual deve tornar-se – fisicamente falando – a vida dominante, se o tempo pensado deve dominar o tempo vivido, cumpre o empenho na procura de um repouso activo que não pode dar-se por satisfeito com os dons gratuitos do momento e da temporada. Este repouso activo, este repouso vibrado, corresponde, parece, para o Sr. Pinheiro dos Santos, ao estado lírico.

O filósofo brasileiro conhece de muito perto a nossa literatura contemporânea. É um adepto de Valéry e de Claudel. Entrega-se alternadamente ao grande fôlego da frase claudeliana e à hábil ambiguidade dos pensamentos de Paul Valéry. De Valéry, gosta sobretudo da arte suprema de perturbar a calma e de acalmar a perturbação, de ir do coração ao espírito para logo retornar do espírito ao coração.

Mas o Sr. Pinheiro dos Santos não se contenta com esta tradução intelectual um pouco fria da vida lírica. Prefere guardar o lirismo na forma de um encanto inteiramente físico, de um mito que embala, de um complexo que nos reata ao nosso passado, aos nossos ímpetos de juventude. Propõe, justamente, para a Ritmanálise, um mito lírico que poderia muito bem chamar-se o complexo de Orfeu. Corresponderia este complexo à necessidade primitiva de agradar e de consolar; ligar-se-ia à meiguice carinhosa⁴⁰ e caracterizar-se-ia por uma atitude onde o ser se apraz em agradar, numa atitude de oferta. O complexo de Orfeu formaria assim a antítese do complexo de Édipo. Ver-se-ão traduções poéticas deste complexo de Orfeu naquilo que Félix Bertaux chamou o lirismo órfico de Rilke, vivendo como um egoísmo o amor indeterminado pelo outro. É tão doce amar seja quem for, seja o que for, viver esse começo, o repuxo único das efusões! Eis a base de uma teoria do prazer formal que se opõe à teoria do prazer

40 No original: «*caresse charitable*». Parece-nos que Lúcio Pinheiro dos Santos aludiria ao *carinho* e principalmente à *meiguice*, vocábulos sem veraz tradução francesa [nota do tradutor].

material, imediatamente objectivo, que, no complexo de Édipo, liga desgraçadamente a criança ao primeiro rosto que se inclina sobre o seu berço. A Ritmanálise oferece-se então, em oposição à Psicanálise, como uma doutrina da infância reencontrada, da infância sempre possível, abrindo sempre diante dos nossos sonhos um porvir indefinido. Precisamente, numa dissertação especial, que se opõe ao trabalho de Freud sobre Leonardo da Vinci, o Sr. Pinheiro dos Santos encarrega-se de explicar a actividade genial de Leonardo como uma *infância eterna*. O criacionismo não poderia ser, com efeito, senão um rejuvenescimento perpétuo, um método de maravilhamento sistemático que reencontra olhos maravilhados para ver espectáculos familiares. Todo o estado lírico deve fundar-se no conhecimento entusiasta. A criança é mestre nossa, disse Pope. A infância é a fonte dos nossos ritmos. É na infância que os ritmos são criadores e formadores. Cumpre ritmanalisar o adulto para o devolver à disciplina da actividade rítmica à qual deve o voo da sua juventude.

VI

No que nos concerne, preferiríamos submeter o estado lírico a uma elaboração espiritual, afastando-nos portanto dos poderes inconscientes que nos encerram no complexo de Orfeu. É, portanto, nas regiões elevadas dos tempos sobrepostos, nos tempos pensados, que buscámos as dialécticas mais nítidas e por consequência, mais arrebatadoras.

Por exemplo, para sentir à nossa maneira toda a poesia de Valéry, empenhámo-nos em aplicar-lhe os esquemas da dialéctica temporal. Aí está, sem dúvida, uma imposição demasiado abstracta, demasiado pessoal, precipitadamente sugerida pelos hábitos de aridez filosófica. Contudo, foi-nos dado reconhecer que este método de pobreza trazia alguns ecos deveras raros; sentimos em particular a que ponto o esquema temporal da ambiguidade nos ajudava a intelectualizar o ritmo sonoro, *a pensar uma poesia* que não oferece todo o seu encanto quando nos limitamos a dizê-la e a senti-la. Então constatámos que eram as ideias que cantavam, que o jogo das ideias tinha os seus acentos próprios e que esses acentos suscitavam murmúrios abafados no nosso ser profundo. A «muda» voz, deixando as imagens suceder-se, vivendo na sobreposição das diversas interpretações, dávamo-nos conta do que podia ser um estado lírico propriamente espiritual, propriamente intelectual. A realidade vestia-se, recheava-se de condicionais. À associação das ideias vinha substituir-se a dissociação sempre possível das interpretações. O espírito divertia-se a recusar as adesões mais constantes. Descobria um gozo poético em destruir poesia, em contradizer primaveras, em resistir a todos os encantos. Ascetismo, aliás, altamente epicurista, já que, na sua forma condicional, o prazer parecia mais vibrante. A poesia, assim liberta dos arrebatamentos habituais, voltava a ser um modelo de vida e de pensamento ritmados. Ela era assim o meio mais próprio para ritmanalisar a vida espiritual, para tornar a dar ao espírito a mestria das dialécticas da duração.

O Essencial Sobre

- | | | | |
|----|---|----|---|
| 20 | O Tratado de Windsor
Luís Adão da Fonseca | 35 | Drogas e Drogados
Aureliano da Fonseca |
| 21 | Os Doze de Inglaterra
A. de Magalhães Basto | 36 | Portugal e a Liberdade dos Mares
Ana Maria Pereira Ferreira |
| 22 | Vitorino Nemésio
David-Mourão Ferreira | 37 | A Teoria da Relatividade
António Brotas |
| 23 | O Litoral Português
Ilídio Alves de Araújo | 38 | Fernando Lopes Graça
Mário Vieira de Carvalho |
| 24 | Os Provérbios Medievais Portugueses
José Mattoso | 39 | Ramalho Ortigão
Maria João L. Ortigão de Oliveira |
| 25 | A Arquitectura Barroca em Portugal
Paulo Varela Gomes | 40 | Fidelino de Figueiredo
A. Soares Amora |
| 26 | Eugénio de Andrade
Luís Miguel Nava | 41 | A História das Matemáticas em Portugal
J. Tiago de Oliveira |
| 27 | Nuno Gonçalves
Dagoberto Markl | 42 | Camilo
João Bigotte Chorão |
| 28 | Metafísica
António Marques | 43 | Jaime Batalha Reis
Maria José Marinho |
| 29 | Cristovão Colombo e os Portugueses
Avelino Teixeira da Mota | 44 | Francisco de Lacerda
J. Bettencourt da Câmara |
| 30 | Jorge de Sena
Jorge Fazenda Lourenço | 45 | A Imprensa em Portugal
João L. de Moraes Rocha |
| 31 | Bartolomeu Dias
Luís Adão da Fonseca | 46 | Raúl Brandão
A. M. B. Machado Pires |
| 32 | Jaime Cortesão
José Manuel Garcia | 47 | Teixeira de Pascoaes
Maria das Graças Moreira de Sá |
| 33 | José Saramago
Maria Alzira Seixo | 48 | A Música Portuguesa para Canto e Piano
José Bettencourt da Câmara |
| 34 | André Falcão de Resende
Américo da Costa Ramalho | | |

- 49 **Santo António de Lisboa**
Maria de Lourdes Sirgado
Ganho
- 50 **Tomaz de Figueiredo**
João Bigotte Chorão
- 51/ **Eça de Queirós**
52 Carlos Reis
- 53 **Guerra Junqueiro**
António Cândido Franco
- 54 **José Régio**
Eugénio Lisboa
- 55 **António Nobre**
José Carlos Seabra Pereira
- 56 **Almeida Garrett**
Ofélia Paiva Monteiro
- 57 **A Música Tradicional Portuguesa**
José Bettencourt da Câmara
- 58 **Saúl Dias/Júlio**
Isabel Vaz Ponce de Leão
- 59 **Delfim Santos**
Maria de Lourdes Sirgado
Ganho
- 60 **Fialho de Almeida**
António Cândido Franco
- 61 **Sampaio (Bruno)**
Joaquim Domingues
- 62 **O Cancioneiro Narrativo Tradicional**
Carlos Nogueira
- 63 **Martinho de Mendonça**
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 64 **Oliveira Martins**
Guilherme d'Oliveira Martins
- 65 **O Teatro Luso-Brasileiro**
Duarte Ivo Cruz
- 66 **Almada Negreiros**
José-Augusto França
- 67 **Eduardo Lourenço**
Miguel Real
- 68 **D. António Ferreira Gomes**
Arnaldo de Pinho
- 69 **O Mouzinho da Silveira**
A. do Carmo Reis
- 70 **O Teatro Luso-Brasileiro**
Duarte Ivo Cruz
- 71 **A Literatura de Cordel Portuguesa**
Carlos Nogueira
- 72 **Sílvio Lima**
Carlos Leone
- 73 **Wenceslau de Moraes**
Ana Paula Laborinho
- 74 **Amadeo de Souza-Cardoso**
José-Augusto França
- 75 **Adolfo Casais Monteiro**
Carlos Leone
- 76 **Jaime Salazar Sampaio**
Duarte Ivo Cruz
- 77 **Estrangeirados no Século XX**
Ana Paula Laborinho
- 78 **Filosofia Política Medieval**
Paulo Ferreira da Cunha
- 79 **Rafael Bordalo Pinheiro**
José-Augusto França
- 80 **D. João da Câmara**
Luiz Francisco Rebello
- 81 **Francisco de Holanda**
Maria de Lourdes Sirgado
Ganho

- 82 **Filosofia Política Moderna**
Paulo Ferreira da Cunha
- 83 **Agostinho da Silva**
Romana Valente Pinho
- 84 **Filosofia Política da Antiquidade Clássica**
Paulo Ferreira da Cunha
- 85 **O Romance Histórico**
Rogério Miguel Puga
- 86 **Filosofia Política Liberal e Social**
Paulo Ferreira da Cunha
- 87 **Filosofia Política Romântica**
Paulo Ferreira da Cunha
- 88 **Fernando Gil**
Paulo Tunhas
- 89 **António de Navarro**
Martim de Gouveia e Sousa
- 90 **Eudoro de Sousa**
Luís Lóia
- 91 **Bernardim Ribeiro**
António Cândido Franco
- 92 **Columbano Bordalo Pinheiro**
José-Augusto França
- 93 **Averróis**
Catarina Belo
- 94 **António Pedro**
José-Augusto França
- 95 **Sottomayer Cardia**
Carlos Leone
- 96 **Camilo Pessanha**
Paulo Franchetti
- 97 **António José Brandão**
Ana Paula Loureiro de Sousa
- 98 **Democracia**
Carlos Leone
- 99 **A Ópera em Portugal**
Manuel Ivo Cruz
- 100 **A Filosofia Portuguesa (séculos XIX e XX)**
António Braz Teixeira
- 101/ **O Padre António Vieira**
- 102 Aníbal Pinto de Castro
- 103 **A História da Universidade**
Guilherme Braga da Cruz
- 104 **José Malhoa**
José-Augusto França
- 105 **Silvestre Pinheiro Ferreira**
José Esteves Pereira
- 106 **António Sérgio**
Carlos Leone
- 107 **Vieira de Almeida**
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 108 **Crítica Literária Portuguesa (até 1940)**
Carlos Leone
- 109 **Filosofia Política Contemporânea (1887-1939)**
Paulo Ferreira da Cunha
- 110 **Filosofia Política Contemporânea (desde 1940)**
Paulo Ferreira da Cunha
- 111 **O Cancioneiro Infantil e Juvenil de Transmissão Oral**
Carlos Nogueira

O livro **O ESSENCIAL SOBRE
RITMANÁLISE**
é uma edição da
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA
tem como autor
RODRIGO SOBRAL CUNHA
com design, capa e composição do atelier
SILVA!DESIGNERS
tem o ISBN **978-972-27-1875-2**
e depósito legal **313837/10**.
A primeira edição de **1000** exemplares
acabou de ser impressa no mês de **AGOSTO**
do ano **DOIS MIL E DEZ**.
CÓD. 1017498

O E S S E N C I A L S O B R E

Ritmanálise

Rodrigo Sobral Cunha

A Ritmanálise é um novo modelo integral de conhecimento operacional concebido pelo filósofo, físico e matemático português Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (1889-1950) e apresentado à Europa pelo filósofo e epistemólogo francês Gaston Bachelard (1884-1962). O ritmo é a própria energia de existência em todas as escalas e assim o princípio unificador da física, da biologia e da psicologia. Tanto o universo como a própria vida assentam em sistemas rítmicos interactivos, desde as frequências regulares da radiação, passando pelo pulsar vital, até às oscilações do psiquismo humano, que esta nova forma de actividade criadora procura compreender e orientar.

ISBN 978-972-27-1875-2



INCM